

ARÁBIA SAUDITA: SUCESSÃO REAL E INTERVENÇÃO NO IÊMEN

Saudi Arabia: Royal Succession and Intervention in Yemen.

*Alexandre Piffero Spohr*¹

O sistema político saudita e o processo sucessório

O Reino da Arábia Saudita, originado pela aliança entre Muhammad bin Saud, criador da Casa dos Saud, e Muhammad Abd bin al-Wahhab, fundador do movimento wahabita, no século XVIII, enfrentou sua sexta sucessão monárquica em janeiro de 2015. Tendo sido criado oficialmente em 1932 pelo patriarca da família, Abd al-Aziz ibn Saud, neto do criador da casa, o reino foi fruto de uma estratégia de reconstrução da monarquia a partir da expansão pela Península Arábica. Ao período de conquista territorial sucedeu uma grave crise econômica, causada pela falta de recursos na desértica região ocupada, revertida a partir da descoberta de petróleo e da aliança com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial (LONG; MAISEL, 2010).

A rudimentar organização política saudita progrediu de forma gradual, valendo-se das estruturas políticas presentes em territórios ocupados, especialmente do Hijaz, região em que se localizam as duas cidades sagradas de Meca e Medina. A primeira sucessão monárquica se deu em 1953 pelo filho mais velho, Saud. A falta de aptidão de Saud para governar conforme o esperado pela família real e pela liderança religiosa e sua fraca saúde levaram à sua abdicação em favor de seu meio-irmão Faisal em 1964 (HERB, 1999). Assim, consolidou-se o modelo sucessório que seria seguido: os próximos monarcas sauditas seriam os filhos mais velhos do primeiro rei, escolhidos com o consentimento dos demais membros da família, garantindo a manutenção de posições e políticas domésticas e internacionais.

¹ Graduado em Relações Internacionais e mestrando em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (alexandre.spohr@gmail.com).

Segundo Long e Maisel (2010, p. 41, tradução nossa), “se o rei Abd al-Aziz foi o criador do Estado saudita moderno, o rei Faisal foi o arquiteto do reino petrolífero moderno”², estabelecendo mais elementos a serem continuados por seus sucessores. Até o atual momento sucessório, mais três monarcas governaram a Arábia Saudita: Khalid (1975-1982), Fahd (1982-2005) e Abdullah (2005-2015). Durante o reinado de Fahd, a Lei Saudita Básica de Governança em 1992, principal documento legal de organização da monarquia, modernizou o país sem afetar as estruturas de poder nem ameaçar a estabilidade política, tendo criado o Majlis saudita. Embora tenha um nome e uma composição semelhante à de um parlamento, esse não possui as funções legislativas esperadas de um, mas apenas a função de um órgão consultivo do monarca. Abdullah, que governou efetivamente desde 1996, promoveu a criação do Conselho de Lealdade em 2006 para determinar a linha sucessória ao trono saudita (IHS JANE’S, 2009a).

A Arábia Saudita não possui constituição, seguindo a xaria e tendo legislação complementar sobre temas não presentes nela. Seu documento legal que assume certas funções de uma constituição é a Lei Básica de Governança, que oficializou seu sistema político. Nenhum dos principais órgãos políticos sauditas é escolhido pela população, sendo todos definidos pelo rei ou pela família real. Os principais postos e as principais organizações públicas no país são chefiados por integrantes da família Saud. Alguns filhos de Abd al-Aziz já abdicaram de seu direito ao trono por considerarem seus meios-irmãos mais capazes de governar o país (KECHICHIAN, 2001, BRADLEY, 2005).

O processo decisório está extremamente concentrado no monarca e em indivíduos de sua confiança; é sua a responsabilidade pela seleção dos chefes dos principais órgãos que o auxiliam a promover seu plano de governo. A Lei Básica de Governança afirma que o Estado saudita possui três autoridades: executiva, judicial e regulatória, sendo todas referenciadas pelo monarca, que é também o comandante das forças armadas (SAUDI ARABIA, 1993). A escolha do rei saudita deve obedecer à estipulação feita pelo rei fundador, Abd al-Aziz, de que os reis do país deveriam ser seus descendentes, em um primeiro momento seus filhos e, depois, seus netos.

² Do original em inglês.

Até 2006, o segundo príncipe na linha sucessória era escolhido pelo rei no momento em que esse tomava posse, substituindo o herdeiro quando da morte do rei. O Conselho de Lealdade se tornou responsável pela escolha do novo príncipe herdeiro, quando do falecimento do monarca. Os membros do Conselho de Lealdade são filhos e netos de Abd al-Aziz, podendo julgar que o atual rei não está mais apto a governar por motivos de saúde e retirá-lo do cargo em prol do príncipe herdeiro (SAUDI ARABIA, 2006). Essa instituição surgiu com o propósito de resolver um potencial conflito quando da transmissão do trono para a nova geração.

A ascensão do rei Salman

Seguindo o modelo de seus meios-irmãos e antecessores, Salman ascendeu ao trono em janeiro de 2015 após a morte de Abdullah. O rei Abdullah ficou conhecido por seu perfil reformista para os padrões sauditas, tendo dado diversas demonstrações e tomadas algumas ações em prol da redução do conservadorismo das práticas sociais positivadas nos decretos do país. A partir do afastamento de clérigos conservadores, sem comprometer o importante papel desempenhado pelos religiosos na manutenção da estabilidade social do país, ele sinalizou para o aumento da participação feminina na política (STEPHENS, 2015a). Contudo, a situação das mulheres e a participação política dos cidadãos no país se mantiveram extremamente restringidas pela legislação saudita (WHILE, 2015).

Salman faz parte de um grupo dentro da família Saud conhecido como Sudairi Seven. Esse grupo consiste de sete filhos de uma das esposas de Abd al-Aziz que se articularam para defender suas posições dentro das divergências políticas da família (LONG; MAISEL, 2010). O primeiro desses irmãos foi o rei Fahd; seus dois irmãos Sultan e Nayef foram príncipes-herdeiros de Abdullah, mas faleceram antes de poderem ascender ao trono. Os outros três príncipes que integram o grupo foram removidos da linha sucessória por decisão familiar. O reinado de Abdullah foi marcado por especulações sobre as tensões existentes entre ele e os Sudairi Seven, especialmente no que concerne a predominância desses na linha sucessória (KHATID, 2015). Pouco

dessas disputas veio à tona para a população saudita, sendo elas definidas reservadamente em reuniões familiares (BUTT, 2015).

O rei Salman acumulou poder de decisão durante o ano de 2014 devido à deterioração do estado de saúde de seu meio-irmão, que alcançara os 90 anos (WHO, 2015). Assim, há uma comunhão de interpretações de que a transição política não afetará as políticas e os rumos traçados para o reino (HUBBARD, 2015b, KECHICHIAN, 2015). Contudo, o novo rei já tomou medidas para assentar sua posição, retirando dois filhos de Abdullah que ocupavam postos importantes da política saudita e colocando seu filho Mohamed como ministro da defesa (SAUDI, 2015b; SALMAN, 2015). Ainda, aponta-se que a saúde do novo monarca possa ser uma ameaça a seu reinado, que pode ter uma duração mais curta do que o esperado, sendo o último dos irmãos do Sudairi Seven a assumir o posto (SULLIVAN; SLY, 2015). O WikiLeaks apresentou falas do rei Salman contrário à introdução de democracia no país, e entende-se que seu foco será a criação de empregos e de infraestrutura para evitar que a queda do preço do petróleo afete a estabilidade social e a confiança empresarial (SALMAN, 2015, NEW, 2015).

A sucessão monárquica deste ano ainda apresentou dois avanços importantes para a dominação política da família Saud: a escolha do último príncipe herdeiro entre os filhos de Abd al-Aziz e do primeiro na linha sucessória entre os netos. A escolha de Muqrin, o mais novo dos filhos de Abd al-Aziz, aos 69 anos, para príncipe herdeiro não significou maiores alterações para a política saudita, uma vez que suas posições são tidas como comuns às dos demais meios-irmãos (SULLIVAN; SLY, 2015).

Enquanto isso, a escolha do primeiro sucessor entre os netos marcou o início da solução de um dos impasses apresentados para a política saudita por analistas como Kechichian (2001), Herb (1999) e Long e Maisel (2010): a passagem do poder entre as gerações da família Saud. Mohamed ibn Nayef, filho de um dos integrantes do Sudairi Seven, antigo príncipe-herdeiro Nayef, é apresentado como vencedor de uma suposta disputa com o primo Miteb, filho de Abdullah. Mantido no posto de ministro da Guarda Nacional, Miteb é tido como menos popular do que seu primo Mohamed, ministro do interior (NAAR, 2015, KHATID, 2015). Mohamed é formado no Ocidente, nos Estados

Unidos, diferente do pai e dos tios, embora não apresente posições muito distintas dos demais parentes, representando, assim, uma possível renovação sem promessas de maiores mudanças (HUBBARD; KRIKPATRICK, 2015).

Em abril de 2015, uma nova alteração na linha sucessória foi posta em prática pelo novo rei. O príncipe herdeiro Muqrin foi retirado da linha sucessória em favor de seu sobrinho, Mohamed ibn Nayef, e o filho do atual rei, Mohamed ibn Salman, foi escolhido para suceder seu primo (HUBBARD, 2015a). Assim, foi antecedida a passagem do poder para a nova geração, com os dois próximos herdeiros sendo netos do fundador da monarquia saudita. Além disso, o poder do grupo do Sudairi Seven é reforçado, uma vez que ocupa o posto máximo do país e as duas posições sucessórias.

Política externa e regional saudita

O Reino da Arábia Saudita possui duas tendências opostas em sua inserção internacional: um isolamento do resto do mundo e uma forte dependência do sistema internacional. Por um lado, o reino saudita busca se manter isolado de influências externas que possam ameaçar seu regime, seja por deslegitimá-lo, seja por representar uma ameaça física à sua integridade territorial. Por outro lado, sua própria organização econômica depende do sistema internacional, uma vez que suas duas principais atividades envolvem um elevado grau de integração, física e infraestrutural, com o resto do mundo: a exportação de petróleo e a peregrinação de muçulmanos durante o Hajj, para as cidades sagradas de Meca e Medina (JOFFE, [2010]).

A Arábia Saudita foi o único país árabe que não foi controlado por potências europeias. O receio para com as potências imperialistas europeias que dominavam os povos ao redor da Arábia Saudita e a necessidade de manter suas defesas fortes para garantir o território conquistado levaram os sauditas a se manterem isolados e terem receio no estabelecimento de relações com outros países, especialmente europeus. Long e Maisel (2010) atribuem parte dessa tendência de isolamento da Arábia Saudita a características intrínsecas ao povo saudita³, gerando um militarismo em um ambiente

³ Essa tendência seria fruto da mistura de um sentimento de autoconfiança cultural (identidade árabe em linhas genealógicas que remetem à época de Maomé e à sua herança islâmica) e da “síndrome de cerco”

que se acredita ser conflituoso e hostil. As forças armadas sauditas, além de se voltarem a proteger as fronteiras do reino, têm vital função na proteção das reservas de petróleo do país, dependendo de apoio externo, especialmente estadunidense.

Devido a suas reservas de petróleo e a sua grande produção, a Arábia Saudita passou a desempenhar um papel vital na organização do mercado energético mundial. Tal posição foi conquistada a partir da criação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo em 1960 e da completa dominação pelos sauditas da ARAMCO Saudita, a maior empresa de petróleo do mundo em termos de produção segundo a Forbes (THE, 2012). Com a OPEP, os países produtores passaram a exigir maior controle sobre o mercado de petróleo. Dominando a ARAMCO, os sauditas puderam controlar os rumos do seu principal bem de exportação interna e externamente. Alhajji e Huettner (2000) afirmam que a Arábia Saudita é o único país da OPEP que conseguiu variar sua produção voluntariamente, se mostrando, assim, dominante no mercado de petróleo e na condução global desse mercado.

As relações da Arábia Saudita com a maior parte dos atores internacionais sofreram alterações principalmente por causas externas ao reino. A aproximação com os Estados Unidos só sofreu oscilações por conta da política estadunidense para o Oriente Médio e dos atentados de 11 de setembro de 2001. Apenas um dos monarcas sauditas, Saud, optou por uma política menos cooperativa quando do início de seu reinado, tendo sido o único rei saudita afastado do trono (GAUSE III, [2010]).

A ascensão do rei Salman ao trono saudita não deve provocar maiores mudanças na política energética e nas relações do país com os Estados Unidos. Contudo, os últimos anos do reinado de Abdullah testemunharam o surgimento de tensões entre os dois aliados. Essas foram causadas por discordâncias sobre a solução das crises na Síria e no Iraque e, segundo alguns analistas, sobre a política energética saudita, que vem inviabilizando diversos projetos energéticos ao redor do mundo, como o gás de xisto nos Estados Unidos (REED; KRAUSS, 2015, COOPER; NORDLAND; MacFARQUHAR, 2015). A preocupação estadunidense, e ocidental, de manter boas

(percepção de hostilidade em suas fronteiras, já que a monarquia já teve disputas territoriais ou apresentou relações hostis com todos os seus vizinhos, além de vários países da região).

relações com Riad pode ser vista pelo grande número de chefes de Estado e de governo ocidentais presentes na cerimônia de posse do novo rei (SAUDI, 2015a). Tal preocupação ensejou críticas de alguns veículos de comunicação, se voltando contra as congratulações ao antigo monarca por suas posições acertadas, uma vez que o extremamente fechado regime saudita apresenta violações aos direitos humanos e práticas notórias de desrespeito aos direitos das mulheres (WHILE, 2015).

Além de ser instrumento para influenciar o mercado petrolífero mundial, o petróleo permite à Arábia Saudita conduzir sua política regional, utilizando suas rendas em investimentos e projetos de assistência predominantemente voltados a seus vizinhos árabes. Tais fluxos financeiros se voltam para manter a estabilidade da região e para permitir uma maior influência sobre os vizinhos. Também foram utilizados para apoiar aliados dos sauditas em conflitos na região, como os iemenitas do norte contra os do sul (1962-70), os iraquianos contra os iranianos (1980-8), a mujahidin afegã contra o governo central afegão e os soviéticos (1979-89) (LONG; MAISEL, 2010).

O conservadorismo da política interna saudita se reflete em sua política externa, priorizando a manutenção da estabilidade regional e se refletindo na escolha de seus aliados nos conflitos da região. Desafios à manutenção da estabilidade, como o nasserismo nas décadas de 1950 e 1960 e a Revolução Iraniana em 1979, são combatidos por Riad (FERABOLLI, 2009, HALLIDAY, 2005). Outro componente importante da política externa saudita é o mundo islâmico: sua promoção enquanto defensora da causa islâmica e a busca pelo fortalecimento do islamismo, e em certa medida do wahabismo.

A principal área de influência da política externa saudita é o grupo de monarquias que compõe o Conselho de Cooperação do Golfo: Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, e Omã. A cooperação entre esses países no campo econômico, promovendo a integração econômica, a comunhão de posições para a região e a preponderância saudita sobre os demais membros tornam o grupo um especial componente da inserção internacional do reino. Apesar da cooperação entre os demais países do bloco e a Arábia Saudita, alguns pontos de tensão se criaram, tendo em vista que as demais monarquias buscam fugir de uma posição de subserviência aos sauditas,

com acordos bilaterais de apoio militar ou de livre comércio com os Estados Unidos. Disputas territoriais, que marcaram o início da interação de Riad com seus vizinhos, foram aos poucos resolvidas através de negociação, mas novas disputas vêm emergindo com a descoberta de novas reservas de petróleo, também com outros atores regionais, especialmente o Irã (LONG; MAISEL, 2010, IHS JANE'S, 2009a).

Após um início conturbado devido à expulsão da família monárquica dos tronos de Amã e Bagdá⁴, as relações da Arábia Saudita com Jordânia e Iraque andaram em direções opostas. A gradual melhora nas relações Riad-Amã foi contrastada pelo aumento das tensões entre Riad e Bagdá após a instauração de uma monarquia. Atualmente, a crise iraquiana e a presença do Estado Islâmico se apresentam como ameaças à estabilidade regional para os sauditas, ainda que sua atuação prática para resolver a situação seja reduzida.

O Irã se apresenta como grande rival saudita desde sua revolução islâmica, tornando a Síria, o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Palestina elementos de preocupação para a diplomacia saudita. Ainda, Riad busca desempenhar um importante papel na resolução da questão palestina, tendo oferecido mediação em diversos momentos (IHS JANE'S, 2009a, LONG; MAISEL, 2010). Salman, e seus sucessores, sinalizam para a manutenção das linhas gerais da política regional saudita, ainda que alguns pontos de indefinição do reinado anterior frente às atuais crises no Oriente Médio persistam abertos a novas ações estratégicas sauditas (KECHICHIAN, 2015, STEPHENS, 2015a). A consolidação de um ramo da família na cúpula política saudita reforça os sinais recentes de mudança de tom na política regional, com um perfil mais ativo da diplomacia, como a questão do Iêmen atesta.

A questão do Iêmen na política externa saudita

A história do Iêmen foi marcada por tensões, conflitos e instabilidade, devido à ocupação estrangeira do território que hoje integra o país. Seu norte foi parte do Império Otomano, conquistou sua independência sob uma monarquia e se tornou república em

⁴ Os hashemitas controlavam a atual região do Hijaz saudita, tendo sido os guardiões das cidades sagradas antes dos monarcas sauditas.

1962 após uma guerra civil em que os dois projetos pan-arabistas, nasserista e saudita, se confrontaram, com o Cairo apoiando a república, e Riad, a monarquia. Seu sul foi colônia britânica até 1967, quando se tornou república popular, de orientação marxista. As divergências entre os dois Estados geraram tensões e conflitos fronteiriços. Apesar da unificação iemenita em 1990 com o presidente do norte, Ali Abdullah Saleh, e o primeiro-ministro do sul, Haidar Abu Bakr al-Attlas, o país manteve diversas tensões internas, incentivadas por seus vizinhos e potências extrarregionais (IHS JANE'S, 2009b).

Após tentativas de secessão de parte do sul, crescimento de grupos rebeldes houthis, grupo xiita zaidita que desafia o governo militarmente desde 2004, e o recrutamento do grupo al-Qaeda na Península Arábica (AQAP, sigla em inglês) (IHS JANE'S, 2009b), o governo iemenita sofreu forte desestabilização em 2011 durante o movimento que ficou conhecido como Primavera Árabe. O presidente Saleh, que governava desde a unificação, não obteve sucesso na repressão da oposição, e o conflito armado tomou diversas partes do país, resultando em sua renúncia em 2012 (YEMEN'S, 2012). Seu sucessor, Abd Rabbuh Mansur Hadi, nascido na província de Aden, na região sul do país, governou em meio ao aumento das tensões desestabilizadoras até fevereiro de 2015, quando se retirou para a província de Aden, de onde vem governando com apoio de diversos países da região e de potências ocidentais. A capital do país, Sana, foi tomada pelos rebeldes houthis em setembro de 2014, aumentando seu poder sobre o governo gradualmente. Inicialmente obtiveram a renúncia do primeiro-ministro e, após meses de impasse sobre a escolha de um novo, receberam a renúncia de Hadi, rejeitada pelo parlamento iemenita (REARDON, 2015b).

As tentativas de mediação entre o governo de Hadi e os houthis, tradicionais governantes do Iêmen, pelas Nações Unidas e pelos Estados do Golfo falharam (COOPER; NORDLAND; MacFARQUHAR, 2015). Atualmente, os houthis se organizam desde Sana sob o comando de Mohammed Ali al-Houthi, presidente do comitê revolucionário iemenita, e tentam se expandir sobre o resto do território do país, enquanto outros grupos rebeldes ganham poder, como a AQAP e o Estado Islâmico. O ex-presidente Saleh, também houthi, ainda que tenha combatido os grupos rebeldes

durante sua presidência, apoia a tomada de poder, e grupos leais a ele vêm auxiliando na ocupação de outras partes do país, podendo levá-lo de volta a uma posição de liderança na política iemenita (REARDON, 2015b).

Alguns analistas, especialmente os defensores de ações enérgicas pelas monarquias do Golfo contra a insurgência houthi, apontam para a ação desse grupo xiita como proxy do governo iraniano. Contudo, tal interpretação, apesar de poder ser baseada em uma relação entre Teerã e os houthis, corrobora visões sectárias dos conflitos do Oriente Médio. A disputa entre grupos com diferentes bases de sustentação não pode ser simplificada pela atribuição de um caráter de proxy a seus pleitos, uma vez que a própria eleição de Hadi, candidato único, não é tão incontestável como pode ser apresentada (MARANDI, 2015).

A Arábia Saudita dedica historicamente especial atenção para seu vizinho Iêmen, devido ao seu temor com relação às instabilidades no populoso país ao sul, intervindo em seus assuntos domésticos antes e depois da unificação iemenita para evitar que as tensões de lá repercutissem em seu território. Após o fim do conflito e da unificação iemenita em 1991, tensões fronteiriças permaneceram entre Sana e Riad, sendo apenas resolvidas em 2000. Com a assinatura de um acordo fronteiriço, os dois países passaram a desenvolver uma maior cooperação, vencendo obstáculos prévios. Importantes elementos da cooperação saudita-iemenita são o antiterrorismo, o combate ao tráfico de armas e drogas, e outras questões securitárias. Os monarcas sauditas retiraram, inclusive, suas objeções à entrada do Iêmen para o CCG (IHS JANE'S, 2009a). A aproximação com o Iêmen sobreviveu à queda de Saleh, tendo inclusive se intensificado.

A eclosão da atual crise iemenita, em meio à sucessão monárquica saudita, trouxe à tona uma política assertiva por parte do novo monarca, que optou por atuar ativamente para debelar um dos focos de instabilidade regional, ao contrário de suas posições para com a Síria e o Estado Islâmico. Nessas, sua posição assertiva e definitiva não é acompanhada por ações práticas, que propiciem soluções de sua conveniência. A preocupação com o conflito no próximo e populoso vizinho, além do fato de a Arábia Saudita ser o principal Estado afetado pela crise na região que não o próprio Iêmen,

ensejou a criação de uma coalizão, sob a liderança saudita, para lidar com a situação. A partir da Operação Tempestade Decisiva, Riad busca neutralizar atores não estatais e combater conflitos sectários, tendo cortado a ajuda ao governo iemenita e se oposto ao tom de conciliação com os houthis que os Estados Unidos pareciam propor (AL-BOGAMI, 2015, COOPER; NORDLAND; MacFARQUHAR, 2015).

A operação é composta por Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Bahrein, Catar, Marrocos, Egito, Sudão, Jordânia e Paquistão, que declararam buscar auxiliar Hadi a acabar com a ameaça houthi. A liderança saudita demonstra o interesse do país em resolver a crise de seu vizinho historicamente mais instável. Além disso, sua percepção do conflito como parte de sua rivalidade com o Irã aumenta a necessidade de assertividade na condução da questão (AL-BATATI; GALDSTON, 2015). O rei Salman parece ter levado tal ponto em extrema consideração, sendo a coalizão apontada por alguns autores como parte de uma estratégia de aumentar as desconfianças internacionais para com Teerã em meio às negociações sobre seu programa nuclear na Suíça (MARANDI, 2015, STEPHENS, 2015b).

A tática até então adotada, de bombardeio de alvos supostamente houthis no norte do Iêmen, vem causando intensa destruição de infraestrutura em um país cuja pobreza é apontada como uma das principais causas do conflito, por gerar intensa disputa por recursos. A opção de invasão terrestre possui um histórico de insucesso para os sauditas, mas parece ignorar-se a baixa adesão popular à campanha houthi, o que poderia ser utilizado para uma saída menos sangrenta para o conflito (STEPHENS, 2015b, MARANDI, 2015). O resultado da assertividade do novo rei saudita na política regional até então parece ser o avanço na deterioração da situação e das capacidades iemenitas, ainda que com apoio do presidente eleito, o que contribui para o recrudesimento de grupos rebeldes, como al-Qaeda e Estado Islâmico (GASIM, 2015), se assemelhando aos resultados das intervenções no Iraque, na Líbia e na Síria.

REFERÊNCIAS:

AL-BATATI, S.; GALDSTON, R. Dozens Are Reported Killed as Saudi-Led Strike Hits Camp for Displaced Yemeni Civilians. **The New York Times**. Nova Iorque, 30 mar. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/03/31/world/middleeast/yemen-camp-air-raid.html?_r=0>. Acesso em: 6 abr. 2015.

AL-BOGAMI, M. Why Saudi Arabia and Israel oppose Iran nuclear deal. **Al Jazeera**. Doha, 3 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/04/saudi-arabia-israel-oppose-iran-nuclear-deal-150401061906177.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

ALHAJJI, A. F.; HUETTNER, D. OPEC and World Crude Oil Markets from 1973 to 1994: Cartel, Oligopoly, or Competitive? **The Energy Journal**. n. 3. p. 31-60. 2000.

BRADLEY, J. R. **Saudi Arabia Exposed**: Inside a Kingdom in Crisis. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

BUTT, G. Saudi Arabia: Why succession could become a princely tussle. **BBC**. Londres, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29792691>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

COOPER, H.; NORDLAND, R.; MacFARQUHAR, N. New Saudi King and U.S. Face Crucial Point in the Relationship. **The New York Times**. Nova Iorque, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/01/24/world/middleeast/for-king-salman-new-saudi-ruler-a-region-in-upheaval.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

FERABOLLI, S. **Relações Internacionais do Mundo Árabe**: Os Desafios para a Realização da Utopia Pan-Arabista. Curitiba: Juruá, 2009.

GAUSE III, F. G. Saudi-American Relations. In: MIDDLE EAST INSTITUTE. **The Kingdom of Saudi Arabia, 1979-2009**: Evolution of a Pivotal State. Washington: Middle East Institute, [2010]. p.75-77.

HALLIDAY, Fred. **The Middle East in International Relations**: Power, Politics and Ideology. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.

HERB, M. **All in the Family**: Absolutism, Revolution, and Democracy in the Middle Eastern Monarchies. Albany: State University of Nova Iorque Press, 1999.

- HUBBARD, B. King Salman of Saudi Arabia Names Mohammed bin Nayef Next in Line of Succession. **The New York Times**. Nova Iorque, 29 abr. 2015a. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/04/29/world/middleeast/king-salman-of-saudi-arabia-changes-line-of-succession.html>>. Acesso em: 4 maio 2015.
- HUBBARD, B. Saudi Arabia's Succession Line Is Set, but the Nation's Path Remains Uncertain. **The New York Times**. Nova Iorque, 23 jan. 2015b. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/01/24/world/middleeast/king-abdullah-saudi-arabia-funeral.html?_r=0>. Acesso em: 6 abr. 2015.
- HUBBARD, B.; KRIKPATRICK, D. D. Saudi Succession Hints at Shift in Foreign Role. **The New York Times**. Nova Iorque, 26 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/01/27/world/middleeast/saudi-succession-hinting-at-shift-in-foreign-role.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.
- IHS JANE'S. **Country profile Saudi Arabia**. Englewood: HIS Jane's, 2009a.
- IHS JANE'S. **Country profile Yemen**. Englewood: HIS Jane's, 2009b.
- KECHICHIAN, J. A. **Succession in Saudi Arabia**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2001.
- KECHICHIAN, J. A. The kingdom's reformist monarch: Abdullah bin Abdulaziz (1924-2015). **Al Jazeera**. Doha, 5 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/01/kingdom-reformist-monarch-abdull-20151310120684789.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.
- KHATID, L. The regional impacts of Saudi succession. **Al Jazeera**. Doha, 25 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/01/regional-impacts-saudi-succession-20151694233783822.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.
- LONG, D. E.; MAISEL, S. **The Kingdom of Saudi Arabia**. Gainesville: University Press of Florida, 2010.
- MARANDI, S. M. Yemen's shock and awe. **Al Jazeera**. Doha, 2 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/04/yemen-iran-houthis-conflict-saudi-150402065023680.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.
- NAAR, I. Who are Saudi Arabia's new crown princes? **Al Jazeera**. Doha, 24 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/01/saudis-crown-princes-150124083039820.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

NEW Saudi king seeks to reassure on succession and policy. **Reuters**. Londres, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2015/01/23/us-saudi-succession-funeral-idUSKBN0KW0N020150123>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

REARDON, M. Saudi Arabia draws the line in Yemen. **Al Jazeera**. Doha, 26 mar. 2015a. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/03/saudi-arabia-draws-line-yemen-150326134045949.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

REARDON, M. Yemen over the edge. **Al Jazeera**. Doha, 24 mar. 2015b. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/03/yemen-edge-150324052332887.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

REED, S.; KRAUSS, C. New King in Saudi Arabia Unlikely to Alter Oil Policy. **The New York Times**. Nova Iorque, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/01/24/business/international/king-abdullahs-death-unlikely-to-upset-saudi-oil-goals-analysts-say.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

SALMAN takes Saudi throne after King Abdullah dies. **Deutsche Welle**. Bonn, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.dw.de/salman-takes-saudi-throne-after-king-abdullah-dies/a-18210367>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

SAUDI ARABIA. **Basic Law of Government**. Riad, 1993.

SAUDI ARABIA. **The Allegiance Institution Law**. Riad, 2006.

SAUDI Arabia won't change after King Abdullah's death. **Pravda**. Moscou, 23 jan. 2015a. Disponível em: <http://english.pravda.ru/world/asia/23-01-2015/129599-saudi_king_abdullah_dies-0/>. Acesso em: 6 abr. 2015.

SAUDI King Salman cements hold on power. **Al Jazeera**. Doha, 30 jan. 2015b. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2015/01/saudi-king-salman-cements-hold-power-150130032136422.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

STEPHENS, M. Saudi Arabia after King Abdullah. **Al Jazeera**. Doha, 23 jan. 2015a. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/01/saudi-arabia-king-abdullah-201511391548669733.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

STEPHENS, M. Yemen is a defining moment for King Salman. **Al Jazeera**. Doha, 27 mar. 2015b. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/03/yemen-defining-moment-king-salman-150327065530744.html>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

SULLIVAN, K.; SLY, L. Saudi King Abdullah's death sets up complex succession process. **The Washington Post**. Washington, 22 jan. 2015. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/saudi-king-abdullahs-death-sets-up-complex-succession-process/2015/01/22/340e0a9c-a28e-11e4-9f89-561284a573f8_story.html>. Acesso em: 6 abr. 2015.

THE World's 25 Biggest Oil Companies. **Forbes**. Jersey City, 2012. Disponível em: <<http://www.forbes.com/pictures/mef45glfe/1-saudi-aramco-12-5-million-barrels-per-day-3/>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

YEMEN'S president Ali Abdullah Saleh cedes power. **BBC**. Londres, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-17177720>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

WHILE nations such as Germany and France sent lower-ranking officials, Obama cut short his trip in India, and attended Abdullah's funeral himself. **The Jerusalem Post**. Jerusalem, 2 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.jpost.com/Opinion/Saudi-succession-389672>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

WHO is King Salman, Saudi Arabia's new ruler? **Haaretz**. Tel Aviv, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/news/middle-east/1.638640>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

Recebido em 06 de abril de 2015. Aprovado em 06 de maio de 2015.

RESUMO

No início do ano de 2015, dois importantes eventos afetaram a Península Arábica, alterando os governantes de Arábia Saudita e Iêmen. A morte do rei saudita Abdullah em janeiro pôs fim a um reinado de dez anos, ainda que o monarca governasse desde 1995. Enquanto isso, a rebelião dos houthis no vizinho ao sul derrubou em março o presidente iemenita Hadi, no poder desde 2012. A presente análise de conjuntura busca avaliar os efeitos do processo sucessório em Riad sobre os rumos de sua política doméstica, externa e regional e a assertiva saudita participação na crise desencadeada no Iêmen.

Palavras Chave: Península Arábica; Arábia Saudita; Iêmen;

ABSTRACT

In the beginning of 2015, two important events affected the Arabian Peninsula, changing the Saudi and Yemeni rulers. Saudi king Abdullah's death ended a decade-long reign, although he ruled since 1995. Meanwhile, the Houthi rebellion in its Southern neighbor toppled Yemeni president Hadi, who rose to power in 2012. This situational analysis seeks to evaluate Riyadh's succession process' effects on its domestic, foreign and regional policies and Saudi assertive participation in the Yemeni crisis.

Keywords: Arabian Peninsula; Saudi Arabia; Yemen;